

TENTATIVAS PARA UMA HISTÓRIA PONTUAL E EPISÓDICA DA LITERATURA BRASILEIRA (OU SIMPLEMENTE: CRÔNICAS LITERÁRIAS)

Luís Roberto Amabile
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

E mulher pode escrever livro assim?

Quando Rachel de Queiroz tinha cinco anos, foi testemunha de uma das secas mais fortes que se tem lembrança no Ceará. Aos 19, começou a escrever um romance que se passava durante aquela seca de 1915. O livro contava duas histórias paralelas, que começam e terminam no mesmo ponto. Uma das tramas é a trajetória da família de Chico Bento, forçada a emigrar, a outra é a da tímida paixão entre a professora Conceição e seu primo Vicente.

Lançado em 1930, em edição bancada pelo pai da autora, *O quinze* surpreendeu pela linguagem sem pompa, cheia de vigor e oralidade, e pelo retrato pertinente da vida do nordestino. A surpresa ficava maior quando se descobria que a autora era uma mulher, e tinha apenas 20 anos. Não era comum que mulheres escrevessem numa linguagem daquelas, e tratando de temas tão duros. A tal ponto que se duvidou da autoria de *O quinze*.

Graciliano Ramos, por exemplo, numa de suas cartas, reunidas em *Linhas tortas*, recorda: “Seria realmente de mulher? Não acreditei. Lido o volume e visto o retrato no jornal, balancei a cabeça: não há ninguém com este nome... pilhéria. Uma pilhéria. Uma garota fazer romance! Deve ser pseudônimo de sujeito barbado”.

Não era, e Rachel de Queiroz (1910-2003) tornou-se um dos grandes nomes da literatura brasileira de seu tempo.

A biblioteca do doutor

Na pequena São João da Boa Vista, no interior paulista, a casa do médico Joaquim José de Oliveira Neto (1904-1991) era frequentada por intelectuais. O doutor foi amigo de Monteiro Lobato e mantinha contato com poetas como Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira. Em sua casa, mantinha um vasto acervo, principalmente de literatura brasileira e francesa. A biblioteca se esparramava por duas salas, em caprichadas estantes de madeira e armários envidraçados.

Oliveira Neto também lecionava História Natural no colégio da cidade. E foi professor, em épocas diferentes, de dois jovens promissores. Ambos eram filhos de médicos, mas se inclinavam às letras. Um se chamava Antonio e o outro Davi. Antonio sempre considerou o professor um dos melhores que viu na vida. Davi o achava um homem encantador, pela graça da conversação. Anos depois, ambos recordariam a fascinação que o doutor e sua biblioteca exerciam:

“Ele me ensinou muita coisa, inclusive revelando revistas literárias francesas e americanas que assinava e eu não conhecia. Nas mãos dele vi, ainda ginasiano, o primeiro volume da famosa Bibliothèque de La Pléiade. Eram as obras de Baudelaire”, contou Antonio Candido numa entrevista publicada na *II Antologia da Academia de Letras de São João da Boa Vista*, onde Candido foi Membro Honorário.

“Para mim, a relação com ele foi uma janela para o mundo, tenho muitas lembranças dessa biblioteca, tenho muitos livros dele, que me foram dados por sua filha Yolanda, querida amiga minha”, declarou Davi Arriguci Jr. à revista *Tempo Social*.

O contista que fez o Brasil tremer

Belo Horizonte, 20 de abril de 1967. Na Livraria do Estudante, um mineiro de 24 anos lançava um livro de contos. Estava bancando a publicação, pois tinha sido recusado por várias editoras. A sessão de autógrafos ia começar. Tocou o telefone.

“Luiz, é pra você”.

Luiz Vilela então foi até aparelho e ouviu que naquela mesma noite o livro que ele estava lançando – *Tremor de terra* – tinha vencido o Prêmio Nacional de Ficção, o mais importante da época. A premiação foi polêmica. Alguns escritores conhecidos reclamaram publicamente. Queriam ter ganhado, e perder logo para um jovem desconhecido ainda...

Ainda, porque a partir daí Luiz Vilela virou celebridade literária. *Tremor de terra* foi reeditado com sucesso de público e crítica. O autor foi saudado principalmente por seus diálogos vívidos e potentes. Em 1968, foi premiado no Concurso Nacional de Contos, do Paraná (repetiria o feito no ano seguinte). E recebeu um convite para participar do International Writing Program, em Iowa, Estados Unidos. Ficou nove meses e depois viajou pela Europa, tendo morado na Espanha.

Quando voltou ao Brasil, Luiz Vilela fixou-se em Ituiutaba, sua cidade natal, no interior de Minas. Depois comprou um sítio. Foi lá que escreveu, por exemplo, *O fim de tudo* (1973), que levou o Prêmio Jabuti. É lá que vive até hoje. Sempre escrevendo.

O dia em que Drummond descobriu Cora Coralina

Um dia, em 1979, Cora Coralina recebeu uma carta de Carlos Drummond de Andrade. O poeta não a conhecia, mas havia tomado contato com sua obra. A carta é reproduzida na orelha de seus livros, editados pela Global Editora. Drummond tomou para si a tarefa de apresentar a poetisa ao Brasil.

Cora tinha então 90 anos – nasceu em 20 de agosto de 1889 – e tinha vivido a maior parte de sua vida como doceira na Cidade de Goiás, também conhecida como Goiás Velho. A cidade foi declarada pela Unesco em 2001 Patrimônio Cultural da Humanidade por seu centro histórico preservado, com casarões e igrejas de arquitetura barroca.

Apesar de Cora Coralina escrever versos desde a adolescência, seu primeiro livro, *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*, só foi publicado em 1965, às vésperas de ela completar 75 anos. O aval de Carlos Drummond de Andrade trouxe a Cora o reconhecimento literário. Ele continuou a se corresponder com ela. Após ler *Vintém de cobre*, de 1983, escreveu-lhe:

"Minha querida amiga Cora Coralina: Seu *Vintém de cobre* é, para mim, moeda de ouro, e de um ouro que não sofre as oscilações do mercado. É poesia das mais diretas e comunicativas que já tenho lido e amado. Que riqueza de experiência humana, que sensibilidade especial e que lirismo identificado com as fontes da vida! Aninha hoje não nos pertence. É patrimônio de nós todos, que nascemos no Brasil e amamos a poesia [...]."

Cora morreu em 10 de abril de 1985. A casa em que vivia hoje é uma das atrações mais visitadas. Fica à beira do rio Vermelho e dá título ao único livro de contos de Cora: *Histórias da Casa Velha da Ponte*. Desde 1989, ali funciona um museu que preserva as memórias e objetos da poetisa. Estão lá seu fogão à lenha e os tachos de doces. Também se pode ver o quarto onde ela escrevia, que Cora chamava de “sobradinho”.

Quintana e o jovem Kiefer

Era uma época em que “fumava-se até dentro das igrejas”, não que o cigarro seja importante para essa historinha, ou melhor, historieta; mais justo seria dizer que era um tempo em que o Charles Kiefer era jovem e o Mario Quintana ainda marcava ponto, “o cigarro entre os lábios”, na redação do *Correio do Povo*.

O jovem Kiefer, nem 18 anos ainda, achava que “escrever fosse a coisa mais simples do mundo, bastava despejar sobre o papel as minhas emoções, as minhas paixões e os meus delírios juvenis”. Recém havia publicado um livro, o seu primeiro, um de poemas, *O lírio do vale*, e foi

pessoalmente entregá-lo a Mario Quintana no jornal, mas o “maior poeta da província” não lhe deu atenção.

Hoje um dos maiores prosistas da província (ostenta, entre outros, três Jabutis e um Prêmio da Biblioteca Nacional), com lançamentos entre os mais concorridos, o jovem Kiefer não reuniu mais do que quatro interessados na sessão de autógrafos de *O lírio do vale* na Feira do Livro daquele ano. O detalhe é que um dos interessados era o Mario Quintana. O poeta compareceu para prestigiar o discípulo, ao qual tinha ignorado dias antes, mas também para ofertar um conselho: “Meu filho, escreva 200 poemas e publique 20”.

Essa reelaborada historinha, ou melhor, historieta, consta no livro de Kiefer *Para ser escritor* (2010), no qual se propõe a refletir, em curtos textos, sobre seus mais de 25 anos como professor de oficinas. E não nos esqueçamos do conselho do Quintana.

Recebido em: 22 maio 2018.

Aprovado em: 29 jun. 2018.